

TERRA LIVRE

Semanário Anarquista

N.º 12—1.º ANO

 Director: PINTO QUARTIM
 Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Publica-se ás 5.ªs feiras

 Redacção e administração
 Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

 Comp. e imp. nas OFFICINAS GRÁFICAS
 R. do Poço dos Negros, 8r

PREÇO 20 RS.

O 1.º DE MAIO

Aos trabalhadores

E' hoje que os proletarios de todo o mundo, que os escravos do Milhão, vitimas perpétuas de todas as tiranias, de todas as violencias, de todas as estorsões, veem erguer mais uma vez, unidos como um só homem pelos laços da mais estreita e formosa solidariedade, o seu rubro e sagrado pavilhão de protesto e de combate contra o criminoso regime do banditismo e da força que os explora, que os rouba e que os oprime.

Como anarquistas saudamos fraternalmente todos os trabalhadores e fazemos votos por que em breve se tornem numa esplendida e completa realidade as suas justissimas aspirações.

Em pleno pânico

Neste mesmo lugar dissémos, no último número,—indicando ao sr. Afonso Costa o bom caminho—que o govêrno, os políticos républicanos das várias côres e as gazêtas que lhes interpretam e defendem os interesses, se mostravam preocupados com esta coisa simples: o protesto de 24 horas dos trabalhadores rurais.

Dissémos: andam preocupados. Hoje, em face do que durante uns poucos de dias se passou nas duas casas de S. Bento, de tudo o que se disse sobre o assunto e da fórma como êle foi tratado por deputados, senadores, presidente do ministerio e ministro do interior, temos que dizer, sem rodeios, que estão absolutamente desvairados. Absolutamente desvairados. Reina o pânico...

Fala-se em grêves revolucionárias, em assaltos á mão armada, em saques, incendios de seâras e habitaçõis, mortes de proprietários e familias inteiras, o diabo! Grandes desgraças se anunciam com as palavras mais trajicamente expressivas, com os gestos mais melodramaticos, com as fizionomias mais transfiguradas. O mêdo invadiu os grandes homens das arruaças republicanas, os agitadores dos comicios de ha poucos anos, os revolucionarios de operêta... São os mesmos que em 5 d'outubro fugiram varados de mêdo, ou se esconderam, ou se disfarçaram, ou que por êsse país fóra ficaram quietos, muito quietos, a vêr no que paravam as modas...

Reina o pânico...

E, perante todo este doentio mêdo, que chega a causar nôjo e que reclama aos gritos para a situação (em vez d'esfôrço intelétual, de honestidade, de coraçã e serenidade), a força bruta, a violencia, a perseguição, o castigo, o sr. Afonso Costa, sentado no poder, cercado agora de milhares de baionetas e espingardas e metralhadoras, perpara ferozmente a sangria e reedita, com o maior impudor, que os sindicalistas estão inspirados pelos conspiradores, combinados com êles para esses movimentos.

A provar esta sua afirmação apresentou êle este facto estranho — a prisão de dois trabalhadores rurais, aos quais fóram encontrados manifestos monarchicos!

Ora nós, com toda a franqueza o dizemos, não acreditamos que esse facto se desse. Levam-nos a têr esta convicção e a formulá-la claramente duas razões: A primeira é não termos nem têr o operariado organizado noticia de semelhantes prisões. A segunda é o proprio facto eloquentissimo de o sr. dr. Afonso Costa fazer vagamente a afirmação, de não citar nomes, de não dizer quem são esses rurais, onde foram presos, quais as suas terras ou terras em que trabalham.

Sim! isto é significativo, é elocuente, muito elocuente. Isto vem pôr bem a nú as intenções do govêrno, o *truc* de que êle uza para criar a atmosfera justificativa dos seus planos sombrios, a atmosfera favoravel ás repressões sangrentas que se reclamam em todos os tons.

Mas admitâmos por momen-

tos que ralmente tinham sido presos dois trabalhadores do campo com manifestos monarchicos. Que significa isso? Quer dizer que os sindicalistas estejam feitos com os monarchicos? Pode concluir-se semelhante coisa?! Não, de maneira nenhuma! Em primeiro lugar, será necessario saber quem são esses homens. Podem mesmo nem sêr associados. Podem mesmo ser associados e não serem sindicalistas, visto no campo haver tambem, ao lado da forte organização sindicalista, alguns sindicatos reformistas e outros incolôres.

Mas admitâmos ainda que era um facto a afirmação ministerial e que os dois operarios presos com manifestos monarchicos pertenciam a qualquer associação do sindicalismo revolucionario. Que tem isso? Que prova isso? Não pode o sr. Afonso Costa ir a lêr pela rua um manifesto anarquista, que na rua se distribue ou metê-lo no bolso para lêr em casa ou para colêcionar — admitindo que s. ex.ª seja um colêcionador de coisas revolucionárias?

Isso prova que s. ex.ª seja anarquista? E se s. ex.ª assim se julgasse intimamente—o separado nos livre de anarquistas assim! — podia concluir-se que o seu partido fosse de anarquistas?

Não! Ninguém assim consideraria o partido democratico, pela mesma razão porque ninguém ainda disse que o sr. dr. Afonso Costa é um perigoso *talassa*, nem que o partido democratico que êle conduz está feito ou tenha estado feito com os monarchicos. E, no entanto,

o celebre padre Domingos, de Cabeceiras, chefe da guerrilha mais acirrada durante a ultima incursão de *paivantes*, estava no seio do seu partido, gozando de especial consideração, tendo influencia local e dispondo dela para aquilo que muito bem lhe apeteceu.

E' aí não eram — admitindo por momentos a verdade da afirmação ministerial—dois míseros camponios, ignorantes, simples, incultos. Era um *trunfo*, um *cacique* de importancia.

Ora, porque não ha de têr-se para os sindicalistas, porque não ha de uzar-se para com êles da mesma seriedade com que êles têm tratado os governantes—apezar d'estes os têrem já perseguido brutalmente vêzes sem conta?

Nós respondemos. E' porque o caráter, a honestidade é incompativel com os politiquieiros. Nada de bom se pode esperar da sua ação. Eles representam a toda a hora a maldade, a sordidez de interesses, a mânha, a ferocidade, o enbuste, o cinismo.

É a isto que assistimos neste momento. Nesta républica de falidos, tristissima e pelintra —pelintra de coração, pelintra de intelijencia, pelintra de dinheiro e por tudo isto tristissima—sempre que aparece qualquer dificuldade ou qualquer questão posta com acêrto e com razão, não se procura resolvê-la com o esfôrço cerebral, com serenidade, coração e sabedoria. Não! Isto nem sequer lembra.

Ha dois processos melhores, que dão mais resultado para as turbas selvajens, boçalizadas, que trazem aplausos re-

tumbantes. E' amargar ódios com as mais viscosas calúnias e perseguir depois com a mais repugnante violencia.

E' mais simples para o momento — para o momento porque as complicações futuras serão maiores... — e oculta para a maioria a falta de inteligência, a tacanhês d'espírito...

E' a isto que assistimos neste momento, agravado ainda pelo pânico estupendo que aí vai. Pois vão pelo pior caminho. Sem dúvida pelo pior...

Factos e comentarios

Três assassínios

Deve estar satisfeita a burguezia franceza: Soudy, Callemín e Monier foram, enfim, guilhotinados na madrugada de segunda, 21 de abril, — com todo o sinistro aparato que revestir costuma estes repelentes assassínios legais.

Sim, deve estar satisfeita a depravada, a feroz burguezia franceza. E no seu jubilo infame a acompanham decerto todos os ascorosos rafeiros da Propriedade e da Lei, todos os abjetos tusiferarios desta enorme e repugnante quadrilha de assassínios e de ladrões que se chama a sociedade capitalista.

Se Callemín, Soudy e Monier tivessem, como cabos de guerra, privado da vida, em nome da *Patria*, centenas, milhares de homens, nalgum desses monstruosos fratricídios coletivos apelidados de guerras, nunca teriam conhecido as grades duma masmorra, nunca teriam subido os degraus infamantes dum cadafalso: sobre as suas cabeças, cobarde e cínicamente entregues ao carrasco, haveria chovido, até se esgotar, a doirada cornocopia de todas as honras, de todas as glorificações...

Quem mata e faqueia em nome da *Patria*; quem, em nome da *Patria*, incendeia e dizima cidades inteiras; quem, em nome da *Patria*, assassina pobres velhinhos indefezos e violenta desgraçadas mulheres e inocentes crianças; quem, em nome da *Patria* por toda a parte semeia a miseria, a orfandade, a viuvez a desolação e as lagrimas, é um heroe, como Wellington ou um semideus, como Napoleão Bonaparte... Quem mata, porém, um homem ou dois, por motivos alheios aos *sagrados interesses* duma *Patria*, não passa dum assassino, dum miseravel, dum bandido, que só a penitenciaría, o gárrote ou a guilhotina merece...

Ah! os farsantes!

Outra vez...

Mais uma vez se entenebreceram os ares da politica e do rejime. Tiros, correrias, prisões, tropas evoluindo por essas ruas de Lisboa, todo o aparato, enfim, das grandes sarrafuscas conspiratorias... Pelos modos, meia duzia de iludidos, pensou em arrancar as redeas do Poder ao presente governo para... as entregar a outro. A eterna mania... A eterna ilusão...

Agora, parece pretenderem envolver no caso os sindicalistas do paiz, como coparticipantes do movimento. A Casa Sindical foi encerrada. Os sindicalistas, pelo visto, são o terror dos nossos bons governantes e, assim, nenhuma ocasião descuram para os inutilizar. Mas a sua *habilidade* não surtirá, certamente, o desejado efeito. O sindicalismo nada tem que ver com estas bernardas politicas. Se alguns dos seus militantes são republicanos *dissidentes* e, como tal, suspeitos ao governo, isso de nenhum modo implica a cooperação do mesmo em atos que apenas tenham por fim a substituição d'um governo por outro go-

verno. A ação do sindicalismo é essencialmente economica. Agrupa os trabalhadores para a defeza dos seus interesses, sem indagar das ideias politicas, sociais, religiosas ou filosoficas que professem. Isto já está dito e redito e teimar em fazer crer o contrario parece-nos demasiada estupidez ou rematada velhacaria.

Mais respeito, senhores!

O governo da Republica, em nome do livre pensamento acaba de decretar que «aquele que, de viva voz ou por escrito publicado ou por qualquer ato publico, faltar ao respeito devido á bandeira e ao hino nacional, que são símbolos da Patria, será condenado na pena de prisão correccional de 3 meses a 1 ano e multa correspondente e, em caso de reincidencia, será condenado no minimo de pena de expulsão do territorio português, ficsado no § unico do art. 62.º de Codigo Penal».

Muitississimo bem.

A bandeira da patria é com respeito uma coisa sagrada. E o hino tambem. Dizer-se, por exemplo, que a bandeira dum paiz não passa d'um trapo com que se disfarçam o roubo e os ambiciosos manejos da classe capitalista é, realmente, inadmissivel.

NA ITALIA

O NEO-MALTUSIANISMO

é defendido pelas notabilidades do mundo científico e literario e militantes revolucionarios.

Por causa da brochura *L'arte di non far figli* foram querelados o dr. Luiz Berta, Segundo Giorni e Aquiles Belloni, que aproveitaram o processo para uma intensa agitação de propaganda. Foi feito um notável inquérito, respondendo favoravelmente notabilidades do mundo científico e literario e militantes revolucionarios. Resultado: uma absolvição triumphal, um processo retumbante e um enorme recrudescimento da propaganda neo-maltusiana, sobretudo nos jornais operários. Assim, comentando o processo, diz *L'Internazionale*:

«...Uma das forças de resistência, contra a qual se despedaçará qualquer tentativa de perseguição, é dada a este movimento pelo facto de ser internacional e de ter conquistado homens de pensamento e de ação, que se fizeram apóstolos da doutrina segundo a qual a procriação deve ser subtraída ao cego impulso da necessidade seccual e regulada conforme a vontade do homem e sobretudo da mulher.

«Pois que é ela que deve suportar o grave peso da maternidade, pois que são as suas carnes que não de murchar com as sucessivas prenhezés, tendo ela que continuar ao mesmo tempo o estenuante trabalho em casa ou na officina, justo é que lhe seja dada a possibilidade de ser ou não fecundada e de não suportar as consequencias do amplexo inconsciente do macho, especialmente quando o alcool enevoa o cérebro e deixa apenas infrene a cega luxúria do bruto.

«Este lado do problema seccual, que em si encerra o núcleo fundamental do feminismo, do *verdadeiro* feminismo que não se diverte atrás da vã conquista do voto, é discutido e aprofundado porque só quando tivermos libertado a mulher da maternidade imposta é que a poderemos ter como firme companheira no movimento de emancipação proletária.

«E não esqueça outro lado práctico neste momento em que a luta contra a falta de trabalho trouxe para a praça milhares de trabalhadores rurais. A limitação da natalidade não será certamente a solução deste problema, indissolúvel nó górdio que tem de ser cortado por um ato de vontade espropriadora, mas pode decerto aliviar as condições destas famílias, já não liga-

das á terra pela arcaica forma de servidão da meação e para as quais os filhos já não são um meio de poupar braços e de aumentar o rendimento.

«Estas simples notas bastarão para fazer refletir muitos que até hoje se mantiveram indiferentes em face de tão vital questão, ou nela sómente viram o lado escabroso, como se não fosse possível tratar o problema seccual com pureza de intenções e de linguagem.»

Este processo e seus efeitos podem servir de exemplo aos governos que pretendam perseguir a propaganda neo-maltusiana, sob pretexto de reprimir a exploração de alguns vendilhões — que aliás tudo exploram.

Uma calúnia

Os sindicalistas e os manejos monarchicos

O presidente do ministerio e o ministro do interior, procurados, ha dias, no parlamento pela comissão ezeccutiva do congresso sindicalista, para explicarem as acusações feitas contra os sindicalistas e a sua cumplicidade nos manejos realistas, recusáram-se a receber os nossos camaradas.

Sesta feira, porém, o sr. Afonso Costa mandou-lhes dizêr que aguardava o relatorio do governador civil de Evora, afim de sêr presente ao parlamento, e que, *depois disso, ficariam sabendo tanto como éle...*

Quer dizer: o sr. Afonso Costa não sabe nada...

Diz *O Sindicalista* no seu último número, que o senadôr Ladislau Piçarra, interrogado sôbre o seu discurso de quinta feira, no qual fazia referência a agitadores que andam fazendo propaganda criminosa no Alemtejo, respondeu que não quis referir-se aos sindicalistas das organizações operárias constituídas, e que neste sentido faria, como fez, uma declaração. Tambem, em sua consciencia, não crê que os sindicalistas das organizações operarias obedeam a manejos monarchicos ou colaborem em qualquer movimento político reaccionário.

No rejime do arbitrio

Mais uma violencia

Mais uma violência. Temos, por vêzes, a iluzão de que nos encontramos num feudo do senhôr de tôdas as Rússias... Os camaradas José Carlos Rates e António Henriques, que em missão de propaganda e a pedido das associações de classe do Funchal, para ali haviam partido no dia 20, afim de tomarem parte na manifestação dos trabalhadores funchalenses, encontram-se em fêrros da República. O seu motivo? Não o sabemos. Ninguém o sabe. O que sabemos é isto: que tanto Carlos Rates como Antonio Henriques

não são olhados com bons olhos pelos nossos atuais *desgovernantes*. São rapazes inteligentes, rapazes que prestam a sua inteligência e toda a sua áttividade ao serviço da causa trabalhadora, e tanto basta para que se tornem alvo do ódio tigrino da burguezia.

Varias noticias

● Está sobejamente comprovado que de todas as contribuições que o Estado cobra ao povo, é a contribuição industrial ezijida aos operarios a mais injusta, desumana e revoltante.

E' com a disposição duma lei da infame monarchia que o novo rejime da *Liberdade*, da *Egualdade* e da *Fraternidade* tenta tirar ao povo trabalhador o já misero salario que ele auferê pelo seu trabalho de todos os dias.

A lei de contribuição industrial de 1896 determinou que o operariado de todo o paiz pague decima por trabalhar.

Ultimamente, porém, teem sido distribuidos, por fabricas e officinas, grande numero de avisos pessoais, aos operarios, para pagarem a referida contribuição. Noutras fabricas e officinas teem os patrões descontado semanalmente das ferias dos operarios a respetiva contribuição.

Tais factos, além de atentatorios aos brios de trabalhadores, são ainda uma vilipendiosa ezijencia que o operariado não pode nem deve pagar.

Atendendo a estas circunstancias, reuniram, a convite da Federeção das Associações da Industria Mobiliaria, no dia 25 do p. p. mez, os delegados de 25 associações e federações de industrias, que resolveram protestar contra a cobrança da contribuição industrial dos operarios, nomeando uma comissão ezeccutiva de sete delegados, que promoverá sessões de propaganda em todas as associações operarias, distribuições de manifestos e comícios publicos, com o fim de reclamar a abolição completa da contribuição industrial dos operarios, tanto mais urgente, pois que o governo ainda não atendeu as reclamações que diversas classes operarias lhe teem dirigido.

● A Federação dos operarios da industria da construção civil do sul de Portugal, colonias e ilhas, pede-nos a publicação do seguinte:

O Conselho federal fáz publico que na actual questão da regulamentação do jogo em Portugal, enviou um delegado á reunião convocada pela *Federação Republicana Radical* de Lisboa para tratar deste assunto, porque esta colatividade politica a convidou.

Aceitou o convite por a regulamentação do jogo lhe interessar sob o ponto de vista do muito trabalho que dela redundaria para a construção. Porém, reserva-se o direito de encaminhar a campanha para a solução desta questão como melhor convier a esta Federação.

Não adieru pois ao movimento da *Federação Republicana Radical*, porque esta organização pode traçar dela sobre todos os aspetos, enquanto nós, só sob alguns, muito especialmente o industrial e o comercial e porque a nossa tatica é trabalhar independentemente ou só com organizações operarias.

Louvamos todavia a iniciativa da Federação Republicana Radical. — *O Conselho Federal*

● Aos nossos companheiros Francisco Lopes de Sousa, José Luiz dos Reis, Francisco Antonio Amaro, Trindade Lopes, e José Antonio, de Olhão, recebemos uma fotografia que no-los representa em grupo, acompanhados de dois interessantes petizes.

Agradecemos, muito reconhecidamente, a gentileza da oferta.

CONTOS E VERSOS

Palavras de paz

De A. de Regis

Ali, em baixo, junto dos sombrios castanheiros, o castelo resplandecia numa apoteose surpreendente e trajica de chamas que pareciam focos fantásticos das quais se desprendiam feixes de chispas que se perdiam na imensidade das alturas.

A montanha, as escarpas e os vales estavam inundados de luz.

Viam-se sombras dançando no redor das muralhas que se derrubavam com estrepito espantoso; vozes de morte e canticos de vingança dominavam os estalidos do incendio. Uma multidão de camponeses que se sentiam livres desde que se espalhou nos campos a noticia da tomada da Bastilha, tomava naquela noite solene a sua desforra de seculos de miseria e de opressão contra o castelão de Hautecourt.

De pronto o castelo ardia e tomava aparencias de grandiosa ruina; no entretanto, mulheres, crianças, anciãos e homens vigorosos dançavam numa alegria fantastica sob o resplendor do incendio.

Mas, ao largo das escarpas que desciam sobre a planície, um homem abatido e temeroso, fugia daquela crueza de luz, daquela estensão iluminada, que se destacava do castelo senhorial, convertido em fogueira revolucionaria...

Deslisava na sombra das sarças, dos brejos e dos espinhos, voltava de quando em vez o rasto para ver se o perseguiam e olhava com um relampago de colera aquela estensa mansão que ardia lá em cima, e que era a casa onde havia nascido, onde havia vivido e onde contara acabar os seus dias.

Caminhava sem descanso, perdida a noção do tempo...

Parecia-lhe entrar vivo numa tumba; acreditou que um mundo novo, até então desconhecido, se abria diante dele, e que ele não era mais do que uma sombra vaga e dolorosa, buscando um caminho entre trevas, sangue e ruinas.

De repente, encontrou-se ante uma cabana, perdida no fundo do vale, edificada sob a frondosidade tutelar de castanheiros seculares.

Bateu á porta com mão tremula, dizendo:

— Abri, por piedade, ao senhor de Hautecourt!

A porta girou sobre os seus oxidados gonzos e o desditado entrou num estreito compartimento, onde se observava aquela limpeza campestre, que é o unico luxo dos pobres.

Achou-se entre dois homens, mal alumiados pela chama bruxuleante dum candieiro de metal: um ancião e seu filho, am-

bos impassiveis, com os olhos secos, nada surpeendidos pela chegada do seu antigo senhor e amo. Este murmurou de novo:

— Sou o senhor de Hautecourt...

O joven respbndeu, com dureza:

— Bem te conheço... Que queres?

— Apoderaram-se do meu palacio e incendiaram-no... Minha mulher, louca de terror, precipitou-se duma janela e morreu sobre as pedras do pateo de honra... Meu filho, ao primeiro rumor dos crimes cometidos em Pariz, passou a fronteira alemã... Eu, quiz permanecer, quiz ficar, mas não pude... Tive medo e vim, ao acaso, bater á vossa porta, para escapar á perseguição e á morte.

— Que nos importa a tua morte, se ela representa a nossa emancipação e marca o fim da nossa miseria?

— Mas o que vos fiz eu?!

— O que fizeste, perguntas?... Na verdade, meu pai, este homem é doido! Pois pergunta a causa por que todo o paiz o persegue!... Se te abrissem o peito e te arrancassem o coração, nele se leria a lista horrível dos teus crimes e dos cometidos em teu nome... Olha para meu pai! Repara nas suas rugas, no seu rosto e nas suas mãos. Pergunta-lhe se nessa existencia de bruto e de vitima, que conta já sessenta anos, conheceu uma só hora de felicidade e de alegria. De que lhe serviram esses anos de penoso trabalho sobre a terra ingrata, se o escasso produto dos seus ganhos ia parar ao rei e ás suas concubinas, á cozinha do abade, ao seu senhor de Hautecourt e aos seus cães?... A minha mãe, veneranda mulher, morreu de frio e de fome, no ano em que, para celebrar o nascimento de teu filho, organisaste uma caçada em que as patas dos teus cavalos pizaram e destruíram a nossa pobre courela... Minha irmã, pobre irmã de alma candida, seduzida pelas palavras do teu mesmo filho, abandonou a nossa cabana para o seguir e para jámais voltar...

E ousas perguntar ainda o que fizeste e pedes esquecimento e perdão?!... E querias que te salvasses duma morte mil vezes merecida?! E' preciso que pagues e espies e sou eu quem, na hora presente, te ezije o cumprimento da divida de sangue que para conosco contraís-te! Vais morrer, conde de Hautecourt! Concedo-te cinco minutos para que saldes as tuas contas com esse deus que tu acatas, que permite tantas infamias e permanece surdo ás supplicas ardentes dos oprimidos. Como ele, serei cruel, juiz severo, teu verdugo.

O conde ajoelhou-se e, juntando as mãos, implorou clemencia.

A Patria

*Rafeiro que trabalhas, te consumes
Na fertil produção de toda a vida,
E morres sem amparo; nem guardada,
Mirrado p'la tortura de mil fomes:*

*E' vil, infame a dôr por ti carpida
Pois que lutas p'la gloria dos Renomes;
E' certo que trabalhas e não comes,
Mas enches o Tesoiro á Pátria querida.*

*Que maior alegria e mais ventura
Queres para ti, povo ignaro e rude,
Que abrir em terra-patria a sepultura?*

*Das-me oiro; e em troca eu dou-te o ataúde
(Teu braço alugas tu com muita uzura!)
Trabalha, pois, e... Deus te dê saude.*

A Mocidade

*Menina mui clorotica e linfatica,
De cilios roxos e ares sonhadores;
Dileta, amada filha da Pragmática,
E mãe estremecida dos doutores;*

*Quasi vã, reservada, muda, estatica,
Sem paixões ideais e sem amores—
Vive a pobre do flirt e da gramatica
Um ambiente sem luz, nem sons, nem cores.*

*Mas eu gosto de a vêr assim pacata,
Sem os ardores de outrora, timorata,
Feita pessoa séria—a bigorriha!*

*Noutro tempo, o moço era irreflectido,
Hoje o moço pondera, convertido
A' nova fé egoistico-pandilha!*

(«Novos Dicterios»)

Edmundo d'Oliveira.

Páginas alheias

O pão nosso

Diz a oração mais humana da religião de Cristo: «o pão nosso de cada dia nos dá hoje.» Não diz «o pão de cada dia», mas sim «o pão nosso.»

Nosso! Tendes meditado, fariseus, sobre o sentido desta palavra? Nosso, isto é, não o pão que está em nossa mesa sendo dos demais, mas o nosso, adquirido na justiça sem prejuizo do pão alheio. E se assim não for, se o pão de vossa mesa, ricos e poderosos da Terra, não é verdadeiramente vosso, de nada vos servirá repará-lo, pois que é de justiça.

Mas os ricos são egoistas: tomam férias no verão e irritam-se porque os pobres fazem greve, único modo que estes teem de gozar férias, salvo doença ou desocupação. Com a diferença de não serem tão divertidas como as dos ricos, porque as caixas de resistencia não dão para tanto como as caixas dos Bancos e as vendas de casas e de terras. Ah! Se os pobres tivessem dinheiro para o jogar num casino durante a greve, ninguém teria que dizer deles.

Seria gente que se diverte: a gente que se diverte não perturba. Mas quem se lembra de vadiar sem dinheiro? Pior ainda: á custa do dinheiro alheio. Não pensam esses operarios que os seus dias de greve significam talvez o automovel, a partida de «bac» do senhor que veraneia tranquilamente? Pois bom seria que o pensassem, pois isso de só pensar em si mesmo fica também para os ricos. Bom é que eles não pensem que o seu «bac» e as suas «cocottes» significam o pão que falta muitos dias em muitas casas; porque se o pensassem, não se divertiriam tanto, e convem que os ricos se divirtam para que os pobres vivam.

JACINTO BENAVENTE

AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

Guanabarinas

Rio, 2 de Abril.

Esta crônica inicial de Sebastianopolis, devia ser escrita ontem, começo da quinzena. Mas ontem foi o 1.º de Abril. E eu pretendo tratar aqui de cousa séria...

Sim... Muito séria. Muitíssimo. Refiro-me à *carestia da vida*. É a questão do momento. A questão empolgante. Absoluta. A vida, neste riquíssimo país, anda pela hora da morte... O povo já não sabe se ha de pagar o aluguel da casa, ou se ha de pagar a conta do armazem. O problema é torturante. Porque pagar ao vendeiro e ao senhorio, a um tempo, é que não póde ser... O resultado é sublocar a metade da casa e amontoar-se para outra metade. Quanto ao armazem, a mesma redução de 50 por cento. Isto até que o proprietário cisme de aumentar o aluguel para 200 p. c. a mais e o vendeiro invente novos impostos a pagar...

Mas o povo estourou. A pressão foi demasiada... E fez-se o movimento. O povo veio para a praça publica. Fizéram-se comícios. Muitos comícios. Ainda se fazem comícios... Ezijiram-se medidas inerjicas do governo. O governo pensou. Reuniram-se os ministros. E decidiram. Decidiram, primeiro, pôr a força armada de prontidão. Decidiram, logo após, distribuir chumbo aos que pedissem pão. Distribuiu-se o chumbo. Houve também hospedagem gratuita para aqueles que não cabiam mais em casa. A policia hospedou-os... O povo, não satisfeito com essas medidas, gritou mais. Dispôz-se a devolver o chumbo policial. E a não aceitar nenhuma hospedagem gratuita. Como o povo gritou forte, o governo recolheu o chumbo e pôz na rua os hospedes. E prometeu providencias imediatas. Providencias absolutamente eficazes. Prometeu...

Prometeu. E acabou-se... A promessa do governo foi formal. A vida... essa, é claro, continúa na mesma. Continuará na mesma, até que o povo...

Aqui chegamos ao ponto importante. O povo, isto é, a classe trabalhadora, conseguiria o barateamento da vida se estivesse organizada e, assim, pudesse lutar com vantagem. Mas a organização aqui, a verdadeira organização revolucionaria, começa apenas. Por isso... Entretanto, o movimento foi excelente. A Federação Operaria aproveitou a oportunidade e fez, nos comícios, uma grande propaganda associativa. E continúa. A necessidade da organização tem sido o eixo em torno do qual giram os comícios por ela realizados. Esplendidos comícios, por sinal.



Candido Costa (da Federação Operaria do Rio de Janeiro), Macimo Suarez (jornalista espanhol) e Ulisses Martins (da Confederação Operaria Brasileira) protestando contra o custo da vida no Rio de Janeiro e reclamando contra os trusts dos generos alimenticios.

No dia 16 ultimo foi levado a efeito o chamado comicio monstro, preparado, esse, pela Confederação Operaria Brasileira. Com um caráter mais vasto. Estiveram representadas todas as associações confederadas do interior. Foi um comicio realmente imponente. Um sucesso em toda a linha. Além de toda a expectativa... Para o dia 20 deste, está a C. O. B. organizando outros ainda maiores, dessa vez por todos os locais do Brazil onde haja associações confederadas. Com o intuito principal de propaganda. É uma sementeira em regra. É fatalmente fecunda. Os frutos não de vir. Necessariamente. O terreno é bom, e a semente é ótima...

Astrojildo Pereira.

Crônica internacional

NA FRANÇA

a C. G. T. vai dar grande amplitude à agitação em favor da *semana inglesa* (abandono do trabalho ao meio dia de sábado, para voltar na segunda de manhã). Os meios de propaganda são: a brochura ilustrada; o bilhete postal ilustrado; desenhos nos jornais corporativos; o selo de solidariedade, cujo produto é destinado a sustentar as greves para a conquista da semana inglesa. É de notar como a gravura tem cada vez maior papel na propganda.

NA INGLATERRA

teem-se multiplicado as vitórias da ação direta operária. Assim, a poderosa Companhia do *Midland Railway* foi obrigada a readmitir e a indemnizar o guarda-freio Richardson. Os operários padeiros londrinos obtiveram redução de horas e aumento de salário. Os *chauffeurs* de Londres triunfaram igualmente, obtendo o petróleo ao preço que eles ezijiam. Os criados de restaurante venceram todas as suas greves elétricas (algumas de uma hora), declaradas a propósito... Nas cidades do norte, numerosas e curtas greves valeram aos carroceiros um bom aumento de salário.

E as greves e agitações proseguem entre os metalúrgicos, os mecânicos, os tecelões, os mineiros, etc. Os tecelões querem a semana de 48 horas, em vez de 53. Muitos deles, assim como muitos mineiros, querem a *semana de cinco dias*, descansando sábado e domingo.

NOS ESTADOS UNIDOS

a greve dos alfaiates e costureiras de Nova York terminou com uma meia vitória. Conseguiram, além de algumas melhoras de salário e de condições de trabalho, a supressão do trabalho no domicilio. Os patrões cederam, recendo a intervenção dos *Industrial Workers of World*, a federação de orientação sindicalista, que ganha terreno a olhos vistos.

NA ALEMANHA

reventou um enorme escândalo militarista, de que toda a imprensa se ocupou já largamente, mas sobre o qual convém insistir, pois lança uma luz vivíssima sobre os bastidores da guerra e do militarismo. O caso, revelado no Reichstag por Liebknecht, é em resumo o seguinte:

«A fabrica Krupp, que goza da maior consideração nos mais altos meios, mantém empregados que, corrompendo funcionarios militares e civis do ezercito e da marinha, não só obtem encomendas, mas ainda alcança comunicação de segredos interessando a defeza nacional. Para que as encomendas nunca faltem, a fabrica Krupp e outras fabricas subvencionam jornais alemães a fim de incitarem á guerra e provocarem constantemente novas leis militares. Ainda mais: essa fabrica paga em jornais francezes a publicação de artigos ou noticias falsas cuja repercussão na Alemanha deve dar em resultado novas medidas militares.»

Entre outras coisas, Liebknecht narrou este significativo ponto de história:

«A casa Krupp deve centenas de milhões ao povo alemão. Não deixa de ser interessante recordar que em 1865 o chefe dessa casa redijida em termos servis pedindo-lhe que votasse os planos dos canhões que entregára a diversas potencias. Napoleão III respondeu-lhe que desejava vivamente o sucesso e a estensão de uma industria destinada a prestar serviços á humanidade. Na aureola que rodeia a casa Krupp, seria conveniente fazer entrar o retrato de Napoleão III.»

Podia ter acrescentado que, ha anos, a casa Krupp insuflava odios e desejos de armamentos entre o Brazil e a Argentina.

O dr. Teófilo Braga não podia esperar mais brilhante confirmação das suas declarações ao *Século*, a propósito dos armamentos.

Eis o que se esconde por trás da «pátria»: os manejos e interesses das casas construtoras de material de guerra, dos financeiros e dos fornecedores.

Viva a «pátria», cidadãos!

Movimento libertario

FRANÇA

Primeira concessão. — Graças á magnifica campanha popular contra as leis militares, o governo, que se declarava intransijente, começa a recuar, tendo já abandonado o seu projeto para perfilhar o de Lannes-Reinach, segundo o qual serão dispensados do serviço de três anos os soldados que escederem os efetivos ficadospa os batalhões e rejimentos. Mas a agitação prosegue, pois é claro que a concessão não satisfaz o proletariado, que já acha demais dois anos de servidão no quartel.

O movimento anarquista. — Está em França num periodo de animação prometedora.

O jornal de Grave, *Les Temps Nouveaux*, que acaba de completar o seu 18.º ano (com o titulo presente), organisou com a soberba peça de Mirbeau *Os maus pastores* uma festa esplêndida, que foi um grande triunfo pela arte pura e livre que a ela presidiu e pelo numero de assistentes.

O *Libertaire*, tambem no seu 18.º ano, aumentou ha pouco o formato e anuncia nós um desenvolvimento sensível da sua tirajem e assinaturas. «Ah! esclama êle, houve quem julgasse, fiado em certos sintomas de dejenerescência moral, que acabara de vez a «seita» anarquista, que ela ia espirar na illusória mirajem do ilegalismo ou num sceticismo provocado por teorias paradoxais. Engano! a decadência de poucos, desviados por uma educação doentia e de certo modo victimas de especiosos raciocinios, só atinju algumas unidades, pobres diabos com pretenções transcendentais, cujos atos não se elevavam acima do ramerrão da vida corrente. Não; a alma do povo, do povo que produz, que utiliza as suas forças e intelijência em proveito da familia humana, essa alma, essa consciencia, essa ideia estão isentas de senilidade e teem ainda vigor para levar a cabo grandes obras.»

ESTADOS UNIDOS

Contra a guerra. — No seu recente congresso, 82 mil mineiros do Illinois adotaram uma moção segundo a qual se deve responder com a greve geral dos mineiros a qualquer declaração de guerra. A moção ia ser submetida ao Congresso dos «Mineiros unidos de América.»

A propaganda

Organização anarquista

Grupo de Emancipação Humana — Com este titulo acaba de se constituir em Sacavem mais um grupo destinado a difundir entre nós a ideia anarquista. Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respetivo secretario, Alberto Julio das Neves, Largo da Feira, 24, Sacavem.

NO BRASIL

A Carestia da Vida

Formidável protesto das classes trabalhadoras — Arbitrariedades policiais — Causas do encarecimento dos generos — Medidas reclamadas.

A imprensa brasileira de todas as côres e de todos os partidos, desde o governista aos de oposição, reconhece e discute acaloradamente o problema da carestia da vida, que torna aflitiva a situação das classes pobres no Brasil.

No Rio de Janeiro, na Baía, em S. Paulo e noutras localidades, realizam-se imponentes

A menor greve é cruelmente reprimida. Um exemplo recente, referido pelos diários de S. Paulo, de 23 de março: as operárias duma fábrica de caixas de papelão, cansadas do atraso no pagamento dos salários (3 meses!), fizeram uma demonstração contra o patrão. Este chamou a polícia, que imediatamente entrou nas piores violências, espadeirando, prendendo a torto e a direito, mesmo os estranhos à contenda e brutalizando na rua os presos.

Não foi também ha muito tempo que, em S. Paulo, por causa da pacífica greve dos sapateiros, a polícia prendeu e ocultou por 14 dias, sonegan-

de casa, motivadas em grande parte por essas transformações, rendas essas que absorvem metade do salario do pobre; etc. De modo que, como diz um considerando duma moção popular, os salarios vijentes não chegam nem ao menos para atender a metade das necessidades economicas dos assalariados, não sendo, nem de lonje, suficiente o trabalho de toda uma familia, desde os pais até os meninos e meninas de 7 ou 8 anos, para o seu sustento.

As medidas reclamadas pelo povo, — algumas sem a eficácia que lhes é suposta, — veem resumidas no final da mesma moção, aprovada no Rio em

homem do trabalho, o povo da Capital Federal e do interior do país, representado pelas delegações de muitos Estados e localidades, resolve reclamar para todo o país a abolição das tarifas alfandegarias, dos impostos inter-estadoais, e para esta localidade a redução de 50 por cento sobre os impostos municipais que afetam os generos de primeira necessidade, 30 por cento de redução sobre os atuais alugueis das casas ou habitações; a jornada de 8 horas para as classes que ainda não as conquistaram, e o aumento de salarios para todos os assalariados, tomando como base mínima 7\$000 diários".



Um dos comícios monstros realizados pelas sociedades operarias do Rio de Janeiro contra a carestia da vida. Alguns dos oradores: José Ramos, Cecilio Vilar, Candido Costa, Matera, Caralampio Trillas, Antonio Moreira e Aristido de Moraes.

comícios e manifestações populares de protesto, como se vê pelas nossas gravuras. Naturalmente, a policia fez das suas, sendo notável o ato dum soldado da "brigada policial" (espécie de guarda "municipal" ou "republicana"), que matou à queima-roupa, depois de o ter perseguido e agarrado, um jovem manifestante inofensivo, clamando: "Para fome, bala!" Em todo o mundo, as autoridades são brutais e arbitrarias, mas as do Brasil não ficam atrás de nenhuma. Uma prova disso é a violentíssima lei de expulsão dos estrangeiros — como se um país de imigração, ainda em plena colonização, pudesse ter "estrangeiros"! — lei que suscitou protestos como o de Rui Barbosa e que não admite recursos nem *habeas corpus*!

do-o ao *habeas corpus*, o espanhol Francisco Calvo, secretário dos grevistas, abandonando-o por fim à meia-noite, doente por falta de alimento e pela umidade da célula, no meio de um campo a alguns quilómetros da cidade!

Mas voltemos à carestia da vida. O govêrno, é claro, promete tomar providências (que serão aliás de curto alcance) e ganha tempo, com receio, ao que parece, de "uma revolução promovida pelos trusts"!

Quanto aos manifestantes, atribuem a carestia crescente a várias causas, entre as quais: a ação dos trusts; as excessivas tarifas alfandegarias; os impostos inter-estadoais; os impostos municipais, devidos aos enormes encargos resultantes da febre de transformações urbanas; as ezajeradas rendas

16 de março num comício colossal:

"Considerando que a actual jornada de trabalho, tendo em conta as distancias e ezijencias entre os bairros em que habita a imensa maioria do proletariado e os centros de labor, a forma brutal e estrema em que o trabalho se ezejuta, o calor sufocante, até para os parasitas que vivem de rendas e subvenções, e a pessima alimentação com que o trabalhador diariamente se envenena e morre prematuramente, e pelo excessivo dispendio de energias que, devido aos longos horarios não tem tempo de recuperar, deveria ser reduzida a metade, pois não é crível que os presentes horarios de 9, 10 ou 13 horas de serviço estejam de acordo com as forças de que hoje póde dispôr o

Destas medidas, as relativamente mais eficazes pareceremos ser a redução de horas de trabalho e o aumento de salarios, obra esta que compete às classes trabalhadoras organizadas em sindicatos e federações locais, e não propriamente à massa popular dos comícios, heterojénea e inorganizada. Esta só pode obter *medidas legais*, que diferem bastante do *facto*...

Contra essa ação sindical lá está, é certo, a policia... Não há já, no Rio, Santos e S. Paulo, jornais que reclamam o encarceramento de associações operarias e mais expulsões de "estrangeiros"?

A este respeito, Rosendo dos Santos, secretário da Confederação Operária Brasileira, disse a um jornalista:

"A policia também já fala em

pôr em execução a lei de expulsão de estrangeiros. Por muito pequena que seja a minha fé nos homens do governo, não creio que se cometa tamanho atropelo contra a liberdade. O que pedem os estrangeiros? Pão, como nós pedimos. E pedir pão em um país que em todo o mundo culto faz a propaganda emigratória é mais que uma necessidade, porque é um dever. Pois o Governo convida o estrangeiro a que venha para cá, e se ele lhe reclama melhores salários e uma situação menos embaraçosa — dentro da ordem e dentro da Constituição — manda-o expulsar?

O facto é que já o tem feito. Precisamente, com um dos espulsos de Santos, de passagem por Lisboa, tivemos ocasião de conversar há dias. Dessa palestra daremos conta num dos próximos números.

A vida é cara

A questão do pão

O monopólio da Moagem

Vai alastrando pelo país a campanha contra a carestia da vida até aqui mais ou menos circunscrita á carestia do pão.

O povo trabalhador de Lisboa e Porto assiste aos comícios e sessões de propaganda, organiza comités, elabora projetos de trabalhos a efetuar, com a atividade de quem sente as suas necessidades insatisfeitas e que compreende que tem tanto ou mais direito a satisfazer-se integralmente do que qualquer inútil ou prejudicial parasita. Nas outras cidades da provincia começaram também a manifestar-se sintomas de agitação.

Este movimento não é obra de um grupo ou de um partido. Não foram os sindicalistas ou os anarquistas, nem os socialistas ou os republicanos que o levantaram ainda que todos mais ou menos tenham colaborado nele.

E' um queixume do povo, uma manifestação do espirito de revolta dos oprimidos, dos pobres, para quem a vida está cada vez mais difícil porque a diferença entre as suas necessidades e as possibilidades de as satisfazer é cada vez maior.

Tambem não é um fenomeno local. No estrangeiro, especialmente no Brasil, lavra identica campanha, mas mais intensa e com certeza mais inteligentemente orientada.

E é principalmente deste ponto, da orientação que tem sido dada á campanha contra a carestia do pão, que pretendemos ocupar-nos. Temos assistido a varios comícios e reuniões onde usaram da palavra oradores das mais variadas co-

res politicas, defendendo os mais opostos ideais, desde os anarquistas e sindicalistas até aos republicanos ultra-conservadores (alguns tão conservadores que não dão o direito a ninguem de censurar os atos do governo) e a todos sem exceção temos ouvido a questão posta nestes termos: «A vida está carissima; o pobre não pode acudir ás mais urgentes necessidades da sua alimentação; por outro lado há uma lei, a lei dos cereais, que é um monopólio em beneficio dos grandes moajeiros e que prejudica altamente o consumidor; urje portanto faser abolir a lei dos cereais para que os pobres possam ter, senão o necessario para se alimentarem convenientemente, pelo menos um pouco mais do que têm atualmente».

Ora a má orientação deste movimento está, a nosso ver, no facto de se esperar que uma medida legal vá fazer diminuir o preço do pão. A lei dos cereais é um monopólio de direito; abolido que seja este por qualquer lei, decreto ou coisa que o valha, ficará a substitui-lo o monopólio de facto, produto da organização capitalista e junto da qual a lei não tem nenhuma influencia. Vou exemplificar para melhor me fazer compreender.

Há muito tempo já que os vapores da Empresa Insulana de Navegação fazem a carreira regular entre Lisboa e os portos dos Açores. Como não havia monopólio de direito fundou-se uma outra companhia, de que agora me não recordo o nome, para fazer concorrência á Empresa Insulana. Logo que os vapores da nova companhia começaram a fazer viagens a Empresa Insulana baixou extraordinariamente o preço dos transportes de mercadorias e passageiros. A outra companhia viu-se obrigada a baixar igualmente o preço das passagens e transportes e como as despesas eram superiores ás receitas e dispunha de capitais muito inferiores aos da Empresa Insulana, faliu dentro em pouco. Logo que a Empresa Insulana se viu desembaraçada da concorrência elevou novamente os seus preços e em pouco tempo recuperou o que tinha perdido. Mas, dirão, se em vez de uma companhia com pequenos capitais entrasse na luta uma companhia poderosa o abaixamento dos preços mantinha-se em beneficio do publico.

Tambem não é verdade.

Ultimamente começaram a fazer viagens para os Açores navios de uma companhia estrangeira cujos preços são os mesmos da Empresa Insulana. Neste caso nenhuma das companhias se aventurou á luta de preços porque a victoria, além de duvidosa, não compensava dos prejuizos sofridos.

Desaparecido pois que fosse

de direito o monopólio da moagem ele continuaria de facto pela eliminação forçada dos pequenos capitalistas e o acôrdo entre as grandes empresas. Lembrem-se de que quando foi abolido em Lisboa o imposto de consumo sobre alguns generos alimenticios (carnes salgadas, etc.) o preço destes generos não baixou nem um real! Isto é, os intermediarios passaram a receber, além do que já recebiam, o imposto abolido, mas o publico continuou a pagar o mesmo.

Para quê pois estarmos a gastar o nosso tempo e as nossas energias pedindo ao governo medidas que previamente sabemos que não nos viriam beneficiar?

Nesta questão do pão, como em todas as outras, há dum lado os exploradores e do outro os explorados. Ou seja, dum lado os proprietarios de padarias, acionistas das empresas de moagem, etc., e do outro o consumidor e os operarios padeiros. O consumidor paga o pão muito mais caro do que na maioria dos outros países.

Os operarios padeiros vivem em pessimas condições: maus salários, trabalho estenuante, feito muitas vezes de noite e em más condições higienicas, etc. A mesma vida miseravel de todos os outros salarizados.

Parece pois lojico que produtores e consumidores se coliguem para lutarem contra os exploradores comuns — os proprietarios de padarias ou de fabricas de moagem. Como conseguir isto?

E' simples. Os operarios padeiros apresentam aos patrões as suas reclamações respeitantes á melhora geral de situação e a par dessas reclamações apresentam também esta outra — barateamento do pão. Assim conseguem os padeiros ajitar a opinião publica e fazer com que todas as classes interessadas no barateamento da vida os auxiliem no seu movimento. Isto é, os padeiros conseguiam assim pôr do seu lado a opinião publica que lhe tem sido adversa em todos os seus movimentos comprometendo-os e fazendo-os abortar.

Por outro lado o consumidor, em troca do auxilio material ou mesmo apenas moral que prestasse aos padeiros, impedindo assim que o governo interviesse no movimento para não cair no desgosto da opinião, conseguia o abaixamento do preço do pão coisa que por si só seria incapaz de fazer por não estar organizado.

Há porem um obstaculo á realização deste acôrdo tão util entre produtores e consumidores; é a ideia que têm muitos operarios padeiros de que as suas condições serão tanto melhores quanto mais ricos forem os patrões.

E' facil de vêr que assim não sucede.

De facto, quanto mais rico é o patrão tanto maior é a sua capacidade de resistencia aos movimentos de reivindicação dos seus trabalhadores.

Que todos aqueles que combatem contra a carestia da vida se compenetrem de que a questão se não resolve por qualquer medida legal, mas sim pelo acôrdo entre os interessados — produtores e consumidores.

A. Quintanilha.

Os deserdados

I

O primeiro homem que, arroteando um campo disse: «Isto é meu», fundou a propriedade.

Pascal.

Nos seus «Ensaio sobre a população», Malthus, padre inglez, chegou ás seguintes conclusões: «O que nasce d'uma familia sem recursos que o não pode sustentar, ou que, reduzido á miseria, o rico lhe nega trabalho, não tem direito á vida; é de mais na terra; a natureza condena-o por sua indigência; seja, pois, castigado esse homem que a natureza repêe: se algum pio bemfeitor o socorrer desobedece ás leis da natureza.»

Rasão: «Os homens multiplicam-se rapidamente, crescendo o seu numero em *rasão geométrica*, ao passo que os generos alimenticios crescem tão sómente em *rasão aritmética*, e, como não ha talheres para todos no banquete da vida, é necessario que as multidões que ficam de fóra pereçam.»

As teorias de Malthus são inaceitaveis e anti-naturais, não só porque todo o ser vivente tem direito á vida, mas também porque a causa de tal desequilibrio é o resultante da má organização social, das suas falhas e artificiais instituições, cuja unica base se apoia na desigualdade de riquezas, no principio da propriedade privada.

Pela justicia, alguns, um numero relativamente infimo, aposaram-se da terra e impuzeram ato continuo aos povos esbulhados a sua vontade em forma de leis que garantissem, *per omnia seculum seculorum* como um direito inviolavel e inatacavel os privilegios dos senhores, a que os *deserdados* imolar-se-iam em holocausto aos sagrados direitos adquiridos.

Partindo deste principio infalivel, a par que escravizavam e subjugavam as massas produtoras, acumulavam grossos cabedais, e, senhores dos instrumentos de trabalho, ditavam as condições deste, criavam toda a sorte de monopólios que faziam respeitar pela ação politica e pela violencia.

Senhores de tudo, de tudo impunemente dispondendo escudados nas leis escritas e na força bruta das baionetas caladas es-

tipularam as bases da produção e do consumo, ajudados pela economia iníqua e desafiada que lhes dava um fabuloso lucro; mas, insaciáveis, á maneira que iam diminuindo os salários, aumentavam o preço de venda e as horas de trabalho.

Abundavam os generos de primeira necessidade no mercado, baixavam as seus preços em consequencia das leis da concorrência, logo os exploradores deixavam por cultivar grandes extensões de terrenos aráveis, produzindo não só crises de trabalho entre os camponeses de determinadas regiões, mas ainda a carestia da vida nos centros populosos da industria.

Armazenavam-se os produtos industriais e agrícolas, muitas vezes lá apodreciam, ou os donos preferiam destruí-los a vendê-los por um preço menos elevado, quando não podiam remediar esse mal encerrando fabricas ou despedindo parte do pessoal.

Quê é para o rico o produtor? Menos alguma coisa que a besta de carga. Esta, quando tiver de a substituir tem de dispendir algum dinheiro; aquê, a mendigar, oferece-se-lhe de graça, nada perdendo quando o arrebatá a tuberculose, cuja unica causa foi a má alimentação, as más condições higienicas do casebre em que habitava durante a noite e da fabrica em que se estiolava durante o dia, embora a natureza reconheça a todos os mesmos direitos e necessidades: éla não se contradiz. O homem arvorado em tirano do homem tornou a humanidade infeliz!

O egoísmo das classes possuidoras envaideceu-as, oblitrou-lhes o sentimento de humanidade, tornou-as más, intratáveis, mesquinhas.

A sociedade actual, baseada na exploração do homem, semeou a discordia entre irmãos, que se odeiam mutuamente como inimigos fígadais, quebrou os laços da solidariedade, e, quando se deviam auiliar mutua e fraternalmente, surge a luta em que se batem como os leões e os gladiadores no circo romano.

Esta misérrima condição impede que os homens sejam bons, que sejam felizes, que vivam numa sociedade—que já desponta no horizonte—de paz, de justiça e de amor, onde a grande lei seja a solidariedade.

Gulpilhães, 1913.

Manuel Luiz da Costa Junior.

Francez

Ensino teorico-pratico, sem auxilio de livros
Tradução, correspondência e conversação, com verdadeira pronuncia parisiense, por metodo racional, intuitivo e atraente.

1\$200 réis mensais

Estrada da Penha de França, 82

Aos trabalhadores

Atualmente, somos tão explorados como o eramos quando a luta começou. As liberdades são as mesmas ou talvez ainda mais restritas.

Se não pensarmos no *Amanhã* jamais nos poderemos redimir, moral e materialmente falando.

E não é com festas, camaradas, que nós nos emanciparemos, porque as lutas de hoje não devem descuidar-nos das de amanhã.

Lembrai-vos que no dia 1.º de Maio de 1886, quando os trabalhadores de Chicago proclamaram com energia a greve geral em prol do dia das 8 horas de trabalho, e estavam reunidos em comicio protestando contra as infamias que a celebre republica das *liberdades* estava ezercendo sobre os trabalhadores, um bando de sicarios, pagos pelo Estado, orijinou um grande conflito, prendendo muitos trabalhadores e encerrando-os em prisões infectas.

Não satisfeitos Estado e burguezia em deixarem o chão juncado de cadaveres formaram um processo ignobil em que foram condenados à morte 5 trabalhadores incansáveis, 2 a prisão perpetua, e um a 14 anos.

Pois, no dia 11 de Novembro de 1887, a celebre republica Norte-Americana, enforcava quatro destes camaradas, que eram Parsons, Engel, Spies e Fischer, fujindo das mãos do carrasco, Ling que se suicidou na prisão, com um tubo de dinamite.

Lembrai-vos que tambem já neste dia os nossos camaradas arjentinos foram fusilados em plena rua pelos janizaros republicanos, não se respeitando velhos, mulheres e crianças, encarcerando dezenas de trabalhadores em masmorras imundas, onde uns pereceram e outros se inutilizaram.

Lembrai-vos que enquanto vós vos divertis, estão muitos camaradas nossos presos em varias cadeias do país, sofrendo as más cruez perseguições do rejime atual.

Neste dia tem-se consumado muitos crimes, e, coincidência notavel, os más barbaros tem sido cometidos em paizes onde *reina* a republica.

Esse dia deve ser considerado como um dia vulgar; e quando a classe proletaria quiser dar um golpe de morte na burguezia, escolha um dia qualquer, dando a demonstrar quanto vale a classe trabalhadora.

Não comemorem datas em que o proletariado tem sido esmagado pela tirania.

E' bom que os trabalhadores se capacitem dos crimes que a burguezia maldita tem cometido e pugnem pela sua verdadeira reivindicação dei-

xando-se de comedias politiquieiras.

E' preciso lutar; mas com valentia, fazendo vêr aos nossos inimigos a força que nos assiste.

Deixai-vos de festas. Deixai-vos dê vivas a A ou morras a B e ide filiar-vos na vossa associação ou sindicato, que ali é que se luta. Quem vos dissér o contrario, mente-vos.

Quando algum camarada vos desafiar para a taberna, fazei-lhe conhecer o prejuizo que dali lhe pode advir.

Ha muitos que têm mesmo o desejo em lá vos vêr, mas... a esses, repudia-os. Esses são maus companheiros e portanto maus conselheiros. Unidos, é que é lutar, e, assim é que se pode alcançar a meta desejada.

E' portanto tempo de despertar da letargia em que viveis, e aprontai-vos para a luta pela Razão, Verdade e Justiça, que ha-de ser a pronta libertação dos trabalhadores.

Desperta, escravos! Avante, pois!...

José Gomes Ventura.

Problemas economicos

CAPITAL

A ciência económica consagrada por quem nisso tem interesse, encara o *capital* sob vários pontos de vista.

Vejamos algumas definições: *O capital é uma riqueza que serve para produzir uma nova riqueza.*

O capital é um instrumento de produção.

O capital é fruto do trabalho e dos agentes naturais que se não consumiu.

Ora pergunto:

—Se o capital é uma riqueza que serve para produzir outra, é porque já ezistia anteriormente. Donde veiu éla?

—Se o capital é um instrumento de produção, que é o trabalho? que são as ferramentas? que é a terra?

—Se o capital é fruto do trabalho e dos agentes naturais, onde é que êles; o trabalho e os agentes, ezercem a sua ação?

Vê-se que todas estas definições só encaram o resultado final de qualquer cousa que remotamente já ezistia.

E tanto que lá dizem os economistas:

Não ha vantagem alguma em procurarmos formar uma ideia ezata do modo como se reuniu o primeiro capital.

Quer dizer: para se realizar isso a que hoje chamam *capital*, já, na noute dos tempos, havia qualquer cousa que era tambem capital—capital que difere nas suas condições especiais do que atualmente a economia política considera...

Não ha vantagem alguma em

procurarmos formar uma ideia ezata do modo como se formou o primeiro capital, diz a ciência oficial. Não ha vantagem; e seria inconveniente profundar o mistério... Deparariamos, por ezemplo, com o enigma estranho de as riquezas (*capital*) produzindo novas riquezas, a miseria ser tamanha nas classes que as produziram... de, havendo ricos e pobres, e os pobres trabalhando essas riquezas e assim produzindo outras; uma parte ao menos dessas outras riquezas não vir beneficiar os mesmos pobres tornando-os um *poucochinho* ricos...; de, sendo o capital um produto tambem do trabalho, ter este ficado sempre a *olhar ao sinal*...

Ha no fundo destas definições alguma cousa sobre que os definidores passam como gato por brasas: é que, sendo o capital riqueza que *se não consumiu*, e que produz nova riqueza, foi orijinarmente obtido da terra, dos agentes naturais e do trabalho,—*terra, agentes e trabalho* que foram o primitivo capital em que *se não fala* e deu orijem a esse produto que, em ciência económica oficial, tem as honras, só êle, de merecer o nome de *capital*.

O capital assim considerado por essa ciência appareceu no mundo com uma cousa *já feita* de que alguns homens, que eram *previdentes*, e só êles, lançaram mão, fazendo-o produzir infinitamente riquezas e mais riquezas, das quais, *por favor*, tem saído uma parcela minima para o trabalhador deixando a este sempre nas condições de Tântalo...

Evidente se torna que é cómodo obliterar tudo que se refere á natureza do primitivo capital e só ter em vista o resultado final isto é: a riqueza produzida, o valor, o capital dos economistas... officiais.

Ora estudemos um pouco o palavão.

Capital é assim alguma cousa como a cabeça... (*capitalis*, de *caput*, cabeça). Quer dizer: uma conta *essencial*: pois que sem cabeça, não se é ninguem e só se tem uma vantagem, no dizer dos pelotiqueiros de feira: *não se pagar nada*...

Ora se atentarmos no que se passa em volta de nós, e no que em nós se manifesta, vemos que a vida se mantem pelo trabalho; trabalho que de nós vem e se ezerce sobre as cousas estranhas a nós para as pôr em nosso proveito.

Neste trabalho, a nossa energia gasta-se e para a restabelecer preciso é que a vida se refaça no nosso ser pelo alimento.

O alimento, por muito acessível que seja, demanda um certo esforço da nossa parte para o obtermos e injerirmos.

A terra não produz convenientemente certas cousas se a não trabalharmos, necessário

se torna empregar esforço, gastar energia. Arrancamos á terra os seus dons para as transformar em utilidades; e seja da entranha da terra, seja da árvore, seja das correntes ou do ar, é sempre déla que extraímos tudo quanto nos é preciso.

Por consequência é *essencial* que a terra esteja ao dispôr do homem, de todos os homens; e quando digo *terra*, refiro-me a todos os elementos constitutivos do nosso planeta.

Egualmente é *essencial* que o trabalho humano se exerça *sem outras peias* além das fisiológicas.

Logo o capital, o *essencial* como a cabeça, *caput*, o *indispensável* á vida, é a terra e a faculdade de trabalho.

Ora ezatamente por serem estas cousas indispensáveis, *essenciais* ao homem é que a natureza as colocou ao alcance dêle, dando-lhe assim o *livre gozo* da terra e a faculdade de trabalho *egualmente livre*. De contrario o ser que éla criára achava-se incapaz de prover às suas necessidades—o que seria a negação de tudo quanto se ha adquirido em ciência que tem sempre visto, através das eras, só aparecerem os seres quando o meio lhes é favorável para se manterem e progredirem.

E porque o progresso criou necessidades, quando mais não seja a necessidade de fabricar uma enxada, por ezemplo, quando o homem reconheceu que não podia cavar a terra com as mãos, segue-se que as ferramentas, transformação do capital *terra* laborado pelo capital *faculdade de trabalho*, fazem parte da riqueza; são também, por *essenciais*, capital.

Bem sabemos que não é assim que a ciência oficial encara o assunto...

Eu também não pretendo ser *magister*. Isto são apenas reflexões de um matuto.

Todo aquêle pois que possui terra, ferramentas e faculdade de trabalho é rico se com tudo isto pode suprir as suas necessidades sem prejudicar o companheiro e pode reservar produção para futuras eventualidades, quando mais não sejam as climáticas ou meteorológicas.

De passagem, diremos que se não pode admitir numa sociedade bem equilibrada que essa reserva de produtos seja privilégio do individuo A on do individuo B; pois isso seria estabelecer em condições de infelicidade para os restantes membros da comunidade, em contrario ás indicações da natureza que a todos igualmente dotou. Compreende-se que quando falo em *homem* ou singularizo o alvo das minhas objeções me refiro sempre á humanidade.

Aqueles dons, terra, ferramentas e faculdade de trabalho são inseparáveis: pois se percebe bem que não bastaria a um homem manter muitas

terras ricas de todas as utilidades efetivas e possíveis sem ter as ferramentas para as laborar, a saúde e vigor para as trabalhar, e ainda a faculdade de exercer o trabalho como e quando quizesse.

Condições são estas oriariamente estabelecidas pela natureza; e só assim o homem pode atingir a plenitude da sua felicidade e desenvolver-se segundo leis naturais e por tanto justas.

Não é esta, porém, a feição que notamos no viver das sociedades. Vemos que a grande maioria dos homens não dispõe senão de um dos referidos dons e esse mesmo imperfeito: a *faculdade de trabalho*.

E não foi porque a natureza puzesse uma barreira a êsses homens vedando-lhes o gozo da terra e das ferramentas e os apoucasse nas suas inerjias de trabalho.

Esses homens, essa enormíssima maioria, não disfrutam daquêles bens, nem podem trabalhar quanto precisam, como precisam e quando precisam porque outros homens disso os impedem, arrogando-se direitos especiais e sepultando os dos seus irmãos nos abismos duma metafísica tenebrosa, retorcendo a lógica, futricando a justiça e dizendo-lhes:

— O capital é uma riqueza produzida que não se consumiu nem queremos que se consuma. Esta riqueza serve-nos a nós para produzir ainda mais riquezas e ha de produzi-las com o vosso trabalho e com os meios de produção de que só nós dispomos. Destas riquezas alcançadas com o vosso trabalho, havemos de retirar uma parte para as juntarmos ao nosso capital e aumentarmos a nossa reserva, pois a ciência económica intima-nos que é de boa prudência garantir o futuro. Quanto a vós, contentai-vos com o que vos dêmos, pois que a mesma ciência nos léciona também que a economia política serve para repartir a *riqueza o mais equitativamente e o mais utilmente possível no interesse do individuo e no da sociedade*, e nestas circunstâncias vêdes bem que a *equidade* e a *utilidade* devem caber-nos a nós por sermos nós os *interessados* e os verdadeiros *valôres sociais*...

(Continúa).



ACABA DE APARECER

Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

A questão religiosa & A questão política & A questão económica

Preço 500 réis (pelo correio mais 75 réis)

A administração da *Terra Livre* satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importancia respectiva.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgam de luta social e económica.— Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.— Análise e comentários dos factos capitais da vida social e política portuguesa.— Desenvolvimento noticiário do movimento operário internacional.— Desenhos e caricaturas demolidoras.— Concursos científicos e inqueritos para o conhecimento do problema económico e social da rejião portuguesa.— Correspondência da provincia e do exterior.— Secções de ciência, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates— Neno Vasco— Pinto Quartim— Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima— Afonso Manaças— Araujo Pereira— Aurelio Quintanilha— Bel-Adan— Campos Lima— Clemente Vieira dos Santos— Emilio Costa— Gaspar dos Santos— Humberto de Avelar— Ismael Pimentel— José Bacelar— José Benedy— José Carlos de Sousa— Manuel Ribeiro, Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguesas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente)	100
3 meses	300
6 meses	500
1 ano	1\$000
Numero avulso	20
Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio)	500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses	2\$400
1 ano	4\$800
Numero avulso	100
Pacote de 50 exemplares	2\$500

Extérieur

Trois mois	2,50 fr.
Six mois	5 »
Um an	10 »
Prix du número	0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em *ordem postal* ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que façam a maior propaganda ao nosso jornal.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja "Terra Livre" encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias

Publicações da TERRA LIVRE

ENCONTRA-SE Á VENDA

GEÓRJICAS

Ao trabalhador rural

por Neno Vasco

Folheto de 16 paginas, com ilustrações no testo e na capa, impresso em ótimo papel em formato elegante :

Preço 10 réis — Um cento 700 réis

Satisfazem se todos os pedidos desde que venham acompanhados da importancia respectiva mais o porte do correio, em estampilhas, vales ou ordem postal.

